

## Carta do editor

A boa notícia que gostaria de dar aos leitores e contribuintes de *Linguagem & Ensino* é que nossa revista está sendo indexada por duas organizações internacionais, a MLA (Modern Language Association of America) e Sociological Abstracts. Com isso, estamos ampliando mais ainda a divulgação dos trabalhos publicados aqui: já tínhamos a Internet, onde os textos estão integralmente disponíveis, integramos o Projeto TELA (Textos em Linguística Aplicada em CD-ROM, que brevemente estará sendo distribuído) e agora estamos sendo indexados internacionalmente. Esta é a boa notícia.

A notícia menos boa é que alguns autores, cujos trabalhos eu tinha prometido para esta edição, ficaram para a próxima, por absoluta falta de espaço. Eu tinha também planejado uma seção livre maior, com notas sobre alguns tópicos de interesse para linguística aplicada, que acabaram não saindo (Um desses tópicos – o debate em torno do Projeto de Lei do Deputado Rabelo – sairá no Boletim da ALAB, que está sendo organizado pela Profa. Désirée Motta-Roth).

### NESTA EDIÇÃO

#### *A importância do diálogo*

Todos os trabalhos, nesta edição de *Linguagem & Ensino*, de uma maneira ou de outra, ressaltam a importância do diálogo nos relacionamentos pessoais, quer na sala de aula, entre professor e aluno, quer nas profissões, entre analista e analisando, quer na produção de textos, entre escritor e leitor. A escola, o consultório do analista e mesmo a produção textual são todos lugares onde os sujeitos envolvidos se constituem com o objetivo primordial de causar algum efeito cognitivo ou afetivo no interlocutor, através de suas idéias, opiniões e conceitos. Para isso se investem e se entregam nas palavras que produzem, oferecendo-se como lastro.

Todos os trabalhos, sem exceção, chamam também a atenção para o perigo do pseudodiálogo, exercido sem a garantia de envolvimento do interlocutor. Acontece na sala de aula quando o professor não é capaz de se apropriar adequadamente do conteúdo que tanta negociar com o aluno, rompendo estratégias de rejeição e buscando o ritmo do outro – incapaz de incitar pela pergunta. Acontece no consultório quando o analista ouve apenas clinicamente as perguntas do analisando, seguindo o modelo clássico de responder a uma pergunta com outra pergunta. Acontece na produção do texto, quando o aluno tenta seguir moldes mal incorporados e é incapaz de definir o leitor para quem escreve.

O diálogo, ou a falta dele, é o leitmotiv que perpassa os seis trabalhos apresentados nesta edição.

### *Os ensaios*

São três os ensaios desta edição, abordando as estratégias de mobilização do professor, a pergunta na psicanálise e as opções do professor de língua estrangeira.

No primeiro ensaio, *As conexões da interação na construção do sentido*, Mirian de Albuquerque Aquino analisa, sob a perspectiva da Análise do Discurso, a interação professor/aluno em ambiente de educação superior. Discute a noção de poder, partindo das idéias de Foucault, Barthes, Deleuze, Apple e relaciona-o ao contexto da sala de aula, mostrando como os sujeitos envolvidos são capazes de se adaptar e desenvolver estratégias para rejeitar os efeitos desse poder, mesma quando emana de instituições aparentemente estabilizadas como o currículo e a escola. A autora mostra como os alunos podem reagir diante da prática de controle e repressão do professor com comportamentos de resistência não-padronizados pela prática escolar. Aos atos ativos do professor, que tenta mobilizar ações discursivas, ativando objetos, elementos e situações para construir sentidos, contrapõem-se os atos reativos do aluno, que problematiza e confronta as informações processadas, dando-lhes novas significações. O trabalho conclui apresentando algumas sugestões de estratégias de mobilização que o professor pode usar para reverter esses papéis: (1) Estratégias de indução, estabelecendo uma “temperatura afetiva”, para sensibilizar o aluno a iniciar a construção do conhecimento; (2) Estratégias incitativas, através de perguntas instigantes e provocadoras, experimentando a problematização;

e (3) estratégias sedutoras, pressupondo o envolvimento e o diálogo, acompanhando “o ritmo do outro, buscando sintonia, através de intervenções explícitas”.

Em *O que é uma pergunta; Diálogos entre a Psicanálise e a Lingüística de Austin e Searle* os autores (Paulo Luis Rosa Sousa, Ricardo Azevedo da Silva e Ricardo Tavares Pinheiro), fazendo uma interface com a lingüística e atos de fala, questionam o tratamento dado à pergunta na psicanálise e propõem uma nova abordagem, baseada nas condições de sinceridade, força ilocutária e direção de ajuste (encaixe entre o mundo e as palavras). Para isso adotam um paradigma interativo, ressaltando a intersubjetividade e a assimetria entre analista e analisando. Enfocando a noção de que ao falar fazemos coisas, através de atos que modificam a relação com o outro, os autores procuram analisar o diálogo freudiano, no qual, pela força ilocutária, “um sujeito falando com outro pode melhorar seu viver”.

Lúcia Pacheco de Oliveira em *Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes* examina algumas opções importantes que o professor de línguas estrangeiras deve fazer para preservar os direitos lingüísticos e culturais de seus alunos. Diante de diferentes dicotomias – local/global, ensino/pesquisa, língua/cultura, etc. o professor deve saber quando privilegiar um ou outro aspecto, quando integrar os dois, ou quando encontrar uma terceira via.

### *As pesquisas*

A seção de pesquisas inicia com o trabalho de Deise P. Dutra e Célia M. Magalhães *Aprendendo a ensinar: a autonomia do professor-aprendiz no projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFMG*, onde as autoras, usando diários e entrevistas, analisam as reações de estagiários de línguas estrangeiras. O trabalho mostra que os diários são úteis não só como instrumento de pesquisa para o investigador, mas também ajudam os professores-aprendizes a refletir sobre sua experiência, a desenvolver sua auto-confiança e fortalecer sua percepção do que acontece na sala de aula.

Partindo do princípio de que o aluno na aula de língua estrangeira, deve ser exposto ao input adequado, Rejane Teixeira Vidal, em *Comportamento diretivo/requisitivo do professor de inglês como língua estrangeira: Foco no núcleo do ato*, investiga algumas variáveis que

podem ou não contribuir para esse desiderato, analisando o comportamento do professor de inglês quando realiza pedidos na sala de aula com alunos de nível principiante, intermediário e avançado. Embora haja uma pequena diferença em termos de diretividade – onde o professor não-nativo com alunos principiantes é mais direto em seus pedidos do que o professor nativo com alunos avançados, no outro extremo – a conclusão principal é de que os professores tendem a realizar o pedido de forma imperativa, curta e direta. A sala de aula, aparentemente, propicia este tipo de comportamento e o professor acaba não dando ao aluno o input adequado para a comunicação autêntica do dia-a-dia.

Rute Izabel Simões Conceição em *Da redação escolar ao discurso: Um caminho a (re)construir*, descreve uma pesquisa realizada com alunos universitários, escrevendo e reescrevendo textos. A investigação mostra que os alunos chegam na universidade produzindo textos dentro de um modelo de redação escolar pré-estabelecido – textos que só com a ação didática específica podem ser transformados em discurso. Para isso é necessário levar o aluno a refletir sobre o que escreve, explorar os recursos expressivos da língua, centrar seu trabalho no conteúdo que deseja expressar e nos efeitos de sentido que pretende provocar nos leitores.

### *As resenhas*

Finalmente, na seção livre, estamos apresentando uma seleção de resenhas de livros publicados no ano passado e de interesse dos lingüistas aplicados.



Wilson J. Leffa  
Editor